



Sobre o Fim do MST: O Enquadramento nas matérias publicadas pelas Revistas *Isto É* e *Carta Capital*¹

Marciana HENCES²

Prof. Dr. Marcelo FREIRE³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Centro de Educação Superior Norte do RS, Frederico Westphalen, FW.

RESUMO

O respectivo artigo apresenta uma análise comparativa entre a reportagem “Extrema-Unção”, publicada no mês de agosto na revista *Carta Capital*, e “O Ocaso do MST”, publicada no mês de setembro na revista *Isto É*, ambas no ano de 2011. As reportagens retratam uma possível desestruturação e fim do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a banalização da Reforma Agrária no Brasil. Essa análise visa apontar as diferenças entre as narrativas e estratégias discursivas, de acordo com a Teoria do Enquadramento Noticioso (*news frame*), por meio da aplicação de conceitos que pressupõem que as notícias são como são porque os media atribuem uma maior importância a determinados fatos, e partir disso, fazem uma seleção daquilo que pretendem veicular, de acordo com seus interesses ou ideologias.

PALAVRAS-CHAVE: Enquadramento; MST; reforma agrária; política; revista.

INTRODUÇÃO

Diversos estudos acadêmicos sobre o jornalismo buscam entender porque as notícias são como são. Através de pesquisas e estudos de alguns teóricos, foram desenvolvidas diversas Teorias do Jornalismo, porém, uma necessariamente não exclui a outra. O estudo das Teorias do Jornalismo contribui para entendermos os novos paradigmas do Jornalismo Nacional e Internacional, pelas quais se passa a entender de que forma são estabelecidos os critérios noticiosos.

O objetivo desta pesquisa é investigar duas reportagens produzidas pelas revistas *Isto É* e *Carta Capital*, nos meses de agosto e setembro de 2011, que retratariam uma possível desestruturação no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a banalização da Reforma Agrária no Brasil. Para tanto, utilizaremos a Análise do

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM- CESNORS email: marcihences@hotmail.com.

³

Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSM- CESNORS, email: meiradarocha@gmail.com.



Enquadramento visando à identificação das escolhas de enfoque realizadas por cada revista, com o objetivo de detalhar o posicionamento dos semanários.

A Revista *Isto É* foi fundada no Brasil em 1976, apresenta periodicidade semanal, é publicada pela Editora Três e apresenta conteúdos gerais. É composta por nove editorias, entre eles: A Semana, Brasil, Comportamento, Medicina & Bem Estar, Economia & Negócios, Mundo, Tecnologia & Meio Ambiente, Cultura e Especiais. Portanto, apresenta conteúdos mais específicos a cada tema e bastante variados.

Já a *Carta Capital* é contemporânea com relação a *Isto É*, foi fundada em agosto de 1994 pelo jornalista Mino Carta, juntamente com o jornalista Bob Fernandes. É publicada no Brasil pela Editora Confiança e também possui periodicidade semanal. Apresenta as seguintes editorias: Política, Economia, Sociedade, Internacional, Tecnologia, Cultura, Saúde e Carta Verde.

A *Carta Capital* teria sido concebida como alternativa às revistas similares que existiam até então, a *Veja* e *Isto É*. Sendo assim, ela trata com mais profundidade de temas sociais e políticos, assumindo uma postura de análise crítica, além de apresentar uma linha ideológica assumidamente à esquerda política. Adotou uma posição favorável ao governo Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT), postura que vem mantendo no atual governo (Dilma Rousseff), em contraposição à revista *Isto É*, que representa no Brasil uma visão de política mais alinhada às ideologias de direita, e atualmente, tem assumido uma postura mais centrista. As duas revistas em análise são multimídia, desde que existem em duas plataformas midiáticas, impressa e digital.

Para um leitor mais desatento, as reportagens publicadas retratariam o mesmo tema - um possível fim do Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST), tanto na revista *Isto É*, como na *Carta Capital*. Entretanto, através da análise minuciosa de ambas as reportagens, pode-se perceber que os semanários tratam o mesmo tema sob um ângulo/enquadramento diferente. Enquanto *Carta Capital* faz uma análise crítica apontando falhas dos governos (especialmente dos últimos) para realizar a Reforma Agrária, a revista *Isto É* critica as lideranças do movimento e o próprio MST, que estaria desorganizado e por isso, caminha para um fim.

Para fundamentar a análise da Teoria do Enquadramento, serão utilizados como referencial teórico-metodológico os conceitos de Nelson Traquina (2005) Teorias do Jornalismo e de Mauro Porto (2004), “Enquadramentos da Mídia e Política”. Além disso, como embasamento à história do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), a tese de doutorado, “Campos em confronto: a Terra e o Texto” de Christa



Berger e a dissertação de mestrado da autora Marie Paule Noelle Lechat, “A Questão de gênero no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”. Já Marília Scalzo e Sergio Vilas Boas nos auxiliam a entender o atual Jornalismo de Revista.

Para tanto, as reportagens propostas para análise são: “Extrema- Unção”, publicada na revista *Carta Capital*, e “O Fim do MST”, publicada na revista *Isto É*, respectivamente, nos meses de agosto e setembro de 2011. A partir da análise dos dados, a pesquisa demonstrará como cada veículo enquadrou suas reportagens e salientou suas semelhanças e diferenças na cobertura realizada.

Com relação à metodologia, o estudo apresentará um caráter exploratório, descritivo e comparativo entre as reportagens publicadas nas respectivas revistas. Sendo assim, foram definidas três categorias de observação:

- Capa (foto e manchetes de capa)
- Editorial
- Reportagem (texto, títulos, fotos, entrevistas e gráficos).

JORNALISMO DE REVISTA

O mercado de revista passou a crescer ao longo do século XIX, principalmente na Europa e Estados Unidos. O Jornalismo de Revista nasceu da necessidade das pessoas terem algo para ler que não fossem os livros, considerados didáticos demais por alguns e nem os jornais, que é factual e por isso trabalha com notícias rápidas e superficiais. Dessa forma, as revistas passam a ser um meio termo entre os livros e os jornais. (SCALZO, 2006, p.20)

Diferente dos jornais impressos, as revistas proporcionam a segmentação por assunto e tipo de público, especializando-se em temas, visando atingir um determinado segmento de público receptor. As revistas enviam uma mensagem para “um indivíduo” e não para o todo, como os jornais. (SCALZO, 2006, p.15)

Sendo assim, as revistas possibilitaram uma melhoria na qualidade da comunicação impressa, pois apresentam tratamento aprofundado e mais completo às notícias, diferente dos jornais impressos, que em geral, publicam notícias factuais, rápidas e superficiais, desde que não há espaço suficiente e nem é seu papel. Já no Jornalismo de Revista, se faz uso de gráficos, imagens, dados estatísticos, ou seja, recursos gráficos e estéticos para expor os temas que são tratados. (VILAS BOAS, p.71). Dessa forma, pode-se dizer que as revistas vieram para suprir essa lacuna que o



jornal impresso apresenta, de certa forma retornando um pouco ao antigo jornalismo literário.

Sendo assim, a revista possibilitou a melhoria na qualidade dos impressos. Há espaço para textos críticos, uso de imagens e infográficos. Somado a isso, em geral, as revistas assumem seu posicionamento ideológico, já que são feitas para públicos diferenciados. Quanto à linguagem, é mais formal que aquela do Jornal Impresso, que em geral, possui um tom mais coloquial. Não obstante, as revistas impressas assumem um tom mais verdadeiro em relação às mídias digitais, desde que, no processo histórico, tudo que é impresso parece ser mais fiel à verdade. As revistas podem ser classificadas em três tipos, de acordo com aquilo que irão abordar: ilustrativas, especializadas e de informação geral. (VILAS BOAS, p.71) As revistas *Carta Capital* e *Isto É*, objetos dessa análise, podem ser classificadas como de informação geral.

TEORIA DO ENQUADRAMENTO

A mídia exerce o poder de dizer como se deve pensar os temas existentes na agenda pública, fato que pode ser explicado pelo conceito teórico de enquadramento ou *framing*. A palavra *frame* significa moldura, quadro, estrutura. De acordo com a Teoria do Enquadramento, os media atribuem uma maior importância a determinados aspectos de um fato, e a partir disso, selecionam aquilo que pretendem veicular. Dessa forma, excluem ou dão ênfase a certas informações, o que determina um enquadramento específico, de acordo com a empresa e/ou jornalista que publicou determinada notícia. (PORTO, 2004).

A Análise do Enquadramento é bastante recente nas pesquisas em Comunicação. As primeiras aplicações do conceito de enquadramento datam do final dos anos 80 e início dos anos 90, com o teórico Robert Entman, que foi um dos primeiros pesquisadores voltados à definição da teoria. (PORTO, 2004).

Já Erving Goffman foi o responsável por sistematizar a teoria, aplicando-a à análise das interações sociais. Para o autor, a percepção e a representação da realidade são guiadas pelo processo de conhecimento de cada um, e a partir disso, cada indivíduo vê a realidade de uma forma. Por fim, os *frames*, ou enquadramentos, são compartilhados por sujeitos que fazem parte de uma cultura. (PORTO, 2004).

Porto (2004, p. 78) caracteriza os enquadramentos como “marcos interpretativos mais gerais construídos socialmente que permitem as pessoas fazer sentido dos eventos



e das situações sociais.” Portanto, no contexto jornalístico, um enquadramento (*framing*) é construído através da seleção de um fato, dando mais importância ao mesmo, excluindo alguns elementos ou dando ênfase à determinadas informações, de acordo com interpretação dos fatos, de forma a compor perspectivas gerais através dos quais serão apresentadas as notícias ao público receptor:

O *framing*, de modo geral, é como temos que pensar os temas já estabelecidos pela agenda. (...) O conceito de *framing* consiste em oferecer o modo de descobrir o poder do texto comunicativo. Produzir um enquadramento é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e dar a eles um destaque maior no texto comunicativo. (COLLING, 2001:94-95)

Ainda de acordo com Porto (2004), “o conceito de enquadramento tem sido definido tanto como alternativa a paradigmas em declínio, como também um complemento importante para cobrir lacunas de teorias existentes”. Sendo assim, o enquadramento se tornou um instrumento analítico importante na pesquisa sobre o papel político dos meios de comunicação. (ENTMAN, 1994 apud PORTO, 1999).

De acordo com Mauro Porto (2004, pg. 8), a utilização do conceito de enquadramento por acadêmicos brasileiros expandiu-se nas pesquisas realizadas sobre a eleição presidencial de 1998, quando ocorreu a disputa entre os candidatos mais votados, Luís Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Henrique Cardoso (PSDB). A partir disso, o conceito de enquadramento foi utilizado por vários autores, buscando ressaltar como a mídia construiu um cenário favorável à reeleição de Fernando Henrique Cardoso no período eleitoral.

No caso de nossa pesquisa, concentraremos as análises dos discursos, buscando chegar aos enquadramentos aplicados pelos jornalistas e, de forma mais exata, pelas linhas editoriais das revistas *Carta Capital* e *Isto É*.

A HISTÓRIA DO MST

No Brasil, o processo de industrialização que iniciou na metade do século XVIII, ao mesmo tempo em que modernizou a agricultura, causou um intenso êxodo rural. Nas regiões Sul e Sudeste, esse processo iniciou na década de 50 e se acentuou a partir de 1960 e 1970, causando altos índices de desemprego no campo. Não conseguindo mais sobreviver no meio rural, muitos agricultores migraram para a cidade. No entanto, na



Região Norte do Rio Grande do Sul diversas famílias se organizaram e formaram grupos de resistência, se recusando a abandonar o campo. (BERGER, 2006, p. 91).

Foi nesse contexto que surgiram diversos grupos de famílias, através de movimentos sindicais, que aos poucos foram se articulando e formaram as bases do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), tendo como matriz o acampamento da Fazenda Annoni, entre os municípios de Sarandi e Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, e o Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná (Mastro). No cenário político, o Brasil vivia a abertura política, pós-regime militar, o que permitiu o desabrochar dos movimentos populares. (LECHAT, p. 38).

Na região Norte do Rio Grande do Sul, principalmente nos municípios de Ronda Alta, Nonoai, Planalto, Constantina e Sarandi, havia um constante conflito entre agricultores e índios (Reserva da Serrinha). Buscando de um lado, resolver esse conflito, de outro, colonizar a Região Norte e Centro-Oeste do país, o Governo Federal iniciaria projetos de colonização. Dessa forma, diversas famílias de agricultores receberam lotes de terra nos estados de Amazônia, Pará e Mato Grosso. (BERGER, 2006, p. 92).

No entanto, em torno de 500 famílias de agricultores expulsos dos territórios indígenas da Reserva da Serrinha se recusaram a receber indenizações e sair de sua terra natal. Dessa forma, se organizaram, e em setembro de 1979 um grupo ocupou a Fazenda Macali e outro a Fazenda Brilhante, no município de Ronda Alta. Em 1981, esses colonos são assentados nesse mesmo local, pois as terras foram consideradas improdutivas e desapropriadas. Historicamente, seria o primeiro assentamento no Brasil e influenciaria as lutas de Reforma Agrária posteriores. (BERGER, 2006, p. 92).

Já no ano de 1985, 1500 famílias, em torno de 4000 pessoas, participam da primeira grande ocupação de uma terra improdutiva, a Fazenda Annoni, que pertencia ao latifundiário Ernesto Annoni, no Rio Grande do Sul, localizada entre os municípios de Sarandi e Ronda Alta, (hoje município de Pontão) no norte do estado. (LECHAT, 1997, p. 38).

De acordo com Marie Paule Noëlle Lechat (1997, p. 37), vários aspectos influenciaram para que o movimento eclodisse. Essas famílias eram oriundas de cidades vizinhas à Fazenda Annoni, filhos de pequenos agricultores ou de posseiros. Nessas propriedades rurais, o clã familiar era composto por um grande número de filhos. Geralmente, quem ficava com a posse da terra era o filho mais novo. Os outros, mais velhos, casavam e formavam outra família. A maioria dos colonos concluíra apenas a 4ª



série do Ensino Fundamental, conheciam apenas um ofício, a lida no campo, porém, precisavam de um espaço para viver, pois a pequena propriedade já não era suficiente para todos.

As propriedades possuíam em torno de 20 a 30 hectares de terra, onde os agricultores produziam alimentos para subsistência, como arroz, feijão, milho, mandioca, etc. A partir da década de 50, o campo passa por transformações. Com o advento da mecanização das lavouras e da industrialização crescente do país, os colonos passam a produzir somente soja (monocultura) em larga escala. Porém, muitos acabam se endividando, através de títulos de crédito para financiamento das plantações. Portanto, foram esses fatores que levariam as famílias a se organizarem em grupos, no início da década de 80, através das Ligas Camponesas, o que posteriormente seria organizado e formaria um dos maiores movimentos sociais de luta pela terra na América Latina, o MST. (LECHAT, 2006, p. 38).

ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO NA REPORTAGEM DA REVISTA *CARTA CAPITAL*

A capa da revista *Carta Capital* apresenta a fotografia de um cemitério, com diversas cruzes brancas, que representa túmulos num gramado verde. Em uma das cruzes descansa um boné vermelho – símbolo da identidade do MST, o que representaria a morte do Movimento dos Trabalhadores Rurais.

Nesse caso, trata-se de um cemitério pertencente à elite, o que demonstra que o fim do movimento estaria assentado nas classes burguesas, que não contribuíram para que o mesmo evoluísse. Pode representar também uma crítica aos últimos governos, que já foram considerados de esquerda e favoráveis ao movimento, mas que atualmente, assumem uma linha mais centrista, distanciando-se dos movimentos populares, além de pouco terem contribuído para a Reforma Agrária no país.

Ainda com relação ao boné do MST, observa-se que é um boné limpo, novo, que ainda não fora usado, o que simboliza o desinteresse e a falta de conhecimento, desde que os próprios integrantes do movimento pouco entendem da luta pela terra, desde que muitos não seriam camponeses. Dessa forma, observa-se um MST diferente daquele movimento que teve como base agricultores humildes, que trabalhavam no campo e que lutavam por um pedaço de terra e que conheciam a terra. Portanto, essa seria a posição



da revista, ao optar por um enquadramento desfavorável a atual política de Reforma Agrária.

No editorial da revista *Carta Capital* são listadas todas as manchetes que irão compor essa edição da revista. Há destaque para a reportagem que tratará sobre o MST no intuito de chamar atenção do público leitor para o tema, porém, não há juízo de valores nessas chamadas, apenas se apresenta a reportagem.

A reportagem produzida pela revista *Carta Capital*, intitulada “Extrema- Unção” apresenta o seguinte subtítulo: “Reforma Agrária: Levantamentos revelam que os gastos com distribuição de terras caem a cada governo petista, enquanto a concentração se mantém como na ditadura.” Essa é a matéria principal da edição, publicada entre as páginas 22 à 28 da revista.

Os dados revelam que os gastos efetivos com distribuição de terra diminuíram no segundo mandato do governo Lula – e continuaram a cair nos primeiros meses de Dilma Rousseff. A reportagem mostra que apesar do Brasil viver num clima de “democracia”, a concentração de propriedades no meio rural continua praticamente a mesma da época da ditadura.

Nesse sentido, a reportagem buscou um enquadramento desfavorável ao atual governo, desde que a Reforma Agrária não se realizou. Além disso, demonstra através de dados que o investimento em distribuição de terras refluíu nos últimos governos.

A primeira página da reportagem apresenta uma foto de Osvaldo Alves, acampado desde 1999 e que ainda não foi assentado. Na segunda página, a foto retrata um protesto de agricultores sem terra e na próxima página, uma foto de Lula usando um boné do MST com integrantes do movimento e uma frase que indica que Lula havia proibido reformular a estrutura fundiária no país. Dessa forma, a reportagem busca mostrar a incoerência entre o que Lula prometia em sua campanha e sua atual postura diante da concentração de terra.

Outra foto de arquivo traz o ex- presidente Costa e Silva, é feita aqui uma comparação dos dados de concentração fundiária na época de seu governo (1967) com os dados atuais. Por fim, conclui-se que hoje, a concentração é maior que outrora. Na foto seguinte, na página 26, há uma foto com enquadramento maior que as outras, que demonstra uma vasta área de terra, pertencente a um latifundiário.

Na página 24 a repórter faz uma entrevista com o Ministro do Desenvolvimento Agrário, Afonso Florence, intitulada “O Ministro que não sabe”, e através da sutileza, a jornalista demonstra que o ministro de Reforma Agrária, pouco ou nada entende do



assunto. Nesse caso, observa-se a influência da jornalista na construção da notícia, de forma peculiar, confrontando dados e através da falta de precisão do ministro fica visível ao leitor que o atual governo não está preocupado em fazer Reforma Agrária. Dessa forma, a entrevista é mais um dispositivo que foi utilizado para demonstrar o desagrado da revista frente aos atuais governos e a política de Reforma Agrária, que não saiu da teoria. Tudo isso leva a análise do enquadramento feito pela *Carta Capital*, criticando os últimos governos.

A revista *Carta Capital* possui uma ideologia de esquerda, e, portanto, critica o atual governo, que apesar de ser do PT (que em sua gestão foi de esquerda) cada vez mais assume uma posição ideológica de centro, deixando de colocar em prática ações que tinha na pauta de campanha. Portanto, a reportagem da *Carta Capital* utiliza de diversos recursos gráficos e estéticos para demonstrar sua opinião, o que reflete num determinado enquadramento desfavorável à forma como os últimos governos tem se posicionado frente às reivindicações do MST.

Sendo assim, todos esses dispositivos utilizados demonstram o enquadramento da revista *Carta Capital*, que tem como objetivo destacar o sistema político falho diante da necessidade de divisão da terra e a incoerência entre o que o PT pregava e os atuais índices de concentração de terra.

Portanto, a Teoria do Enquadramento vai de encontro aos critérios “objetividade/subjetividade”, pois, através da análise da reportagem publicada na revista *Carta Capital*, pode-se observar que há uma posição da empresa e que ela irá influenciar na forma como as notícias será realizada.

ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO NA REPORTAGEM DA REVISTA *ISTO É*

A revista *Isto É* também apresenta como foto de capa um boné do MST, símbolo do movimento. No entanto, ao contrário da *Carta Capital*, que mostrava um boné novo, nesse caso, trata-se de um boné velho, sujo e rasgado, que jaz na terra. Diferente do enquadramento da *Carta Capital*, aqui o que morreu é o próprio movimento, e a causa seria ele mesmo, que acabou se desintegrando estruturalmente, velho, cansado e em frangalhos, depois de anos de uso, acabou perdendo seu valor. Por fim, foi abandonado pelos próprios integrantes do movimento, os mesmos que anos atrás o haviam criado.

As causas que teriam levado o MST ao seu infanticídio são citadas abaixo da manchete de capa “O Fim do MST” em fonte menor: “Os sem-terra perdem apoio e



deixam de atrair os batalhões de excluídos que fizeram sua história. O avanço da economia e o combate à miséria esvaziaram o movimento. As novas lideranças formam uma facção radical que só briga por verbas públicas.”

Fica visível então o enquadramento realizado pela revista, buscando através da foto e da manchete demonstrar os rumos que o MST assumiu nos últimos anos. As fotos nos levam a entender que o movimento morreu e as manchetes auxiliam nesse entendimento. Por outro lado, poderia ser dado outro enfoque, por exemplo, mostrando o número de assentados nos últimos anos, ou os novos rumos do movimento. Porém, na reportagem, se optou um enquadramento que desfavorece o MST.

O editorial trás a mesma foto da capa, que se destaca do restante, onde apresenta a reportagem, também no sentido de evidenciar a notícia principal e chamar atenção do público leitor para tal reportagem.

Já a reportagem produzida na Revista *Isto É*, intitulada “O Ocaso do MST” apresenta como subtítulo o seguinte texto: “O MST é um arremedo do que foi no passado. Está sem rumo e é incapaz de promover grandes assentamentos. O Brasil avançou e os novos líderes da organização acabaram isolados numa disputa por dinheiro público.” Esta é a reportagem principal da edição, tendo como espaço a página 38 até a página 43.

Para realizar essa reportagem, os repórteres da revista *Isto É* visitaram as cidades de Sarandi e Pontão (Encruzilhada Natalino), região do Rio Grande do Sul onde nasceu o Movimento, e o Pontal do Paranapanema, em São Paulo. Dessa forma, buscaram dar mais credibilidade à reportagem, traçando um paralelo desde a ocupação da Fazenda Annoni, no Rio Grande do Sul, até os dias atuais. A reportagem apresenta dados estatísticos que comprovam que o movimento está sem rumos e que o número de assentamentos caiu muito nos 10 últimos anos e teria chegado a apenas 1.204 famílias acampadas, em nove acampamentos em todo o país.

Conforme os repórteres que visitaram um assentamento na cidade de Sarandi, os fatores que levam a essa desintegração do movimento estaria ligado a atual situação econômica do país de estabilidade e que proporcionou melhores condições de vida para a população em geral. Dessa forma, hoje, viver num assentamento à espera de um lote de terra não é a única alternativa para essas pessoas. Por outro lado, no final dos anos 80, com o fim da ditadura militar, os agricultores ligados ao MST ansiavam por um governo de esquerda, pois acreditavam que dessa forma a Reforma Agrária se



institucionalizaria. Porém, isso não aconteceu. Esses fatores, somados, levaram a uma crise de ideologia e descrédito na política de Reforma Agrária.

Portanto, nessa reportagem veiculada na revista *Isto É*, são apontadas as causas que têm levado à banalização que ocorre dentro e fora do movimento e que estaria levando ao fim do MST. Nessa reportagem, faz-se uma crítica ao movimento, que se desintegrou e a causa estaria na própria organização do MST, enquanto que em sua gestação tudo era discutido em assembleias, hoje, existe uma hierarquia, onde as esferas superiores decidem e o restante dos integrantes deve acatar.

De acordo com a Teoria do Enquadramento, a revista *Isto É* estaria questionando o futuro do MST, que é um movimento de esquerda. Os dados estatísticos apontam a diminuição do número de assentamentos no Brasil, o que também revela um determinado enquadramento, onde o jornalista escolheu mostrar um fato negativo ao invés de destacar o número de pessoas assentadas no último ano.

Buscando um enquadramento noticioso desse aspecto, a revista deu maior importância a esses fatores, desconsiderando outros, como por exemplo, sem citar o número de pessoas assentadas nos últimos anos. Não existe uma perspectiva positiva, até mesmo quando cita a Fazenda Annoni, marco inicial na história do MST, onde diversas famílias foram assentadas e vivem hoje trabalhando em suas terras, não é com o objetivo de elogiar o movimento, mas sim, através de uma ótica destrutiva, como algo que perdeu seu encanto.

Diversas fotos são utilizadas na reportagem: pessoas que moram em assentamentos, o padre Arnildo Fritzen, de Ronda Alta, que pertencia à Comissão da Pastoral da Terra (CPT) e tornou-se um líder religioso muito importante na estruturação inicial do movimento, através da Igreja Católica, em sua vertente denominada Teologia da Libertação. Além dessas pessoas, a reportagem apresenta um box com Deolinda Rainha, esposa de José Rainha, ex líder do MST, onde ela diz que não se sente expulsa do movimento, (a direção do movimento considerou o casal fora do MST desde 2007) pois ela e o marido contribuíram muito para que o movimento eclodisse.

As outras duas fotos são de Laércio Barbosa, do Pontal do Paranapanema e Darci Maschio, que foi assentado na Fazenda Annoni, nos anos 80. Darci afirma que com o PT, a questão agrária saiu de pauta. Portanto, através das fotos e das histórias contadas por esses personagens que fizeram parte da história do movimento, se constrói a ideia de desencanto de ex-líderes e próprios integrantes do movimento.



Na revista *Isto É*, as fotos são posadas, o que demonstra o distanciamento ideológico da revista para com a questão do MST, a reportagem aponta fatos para o atual desequilíbrio e desintegração do movimento. Não há interesse em entender a causa e as lutas do movimento. Poucas histórias contadas demonstram o aspecto positivo do MST, o que revela a visão da revista, que critica não apenas os rumos do movimento, mas também analisa o aspecto da desilusão de alguns assentados, que esperavam mais de um governo de esquerda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das reportagens veiculadas nas revistas *Carta Capital* e *Isto É*, é possível identificar que existe um enquadramento diferenciado, de acordo com a linha editorial de cada uma das revistas.

Com relação às matérias analisadas, pode-se observar que a revista *Isto É* assumiu uma postura crítica com relação ao MST, sem, no entanto, criticar os líderes governamentais. De acordo com a reportagem, o movimento está totalmente desestruturado, a direção tem priorizado uma estrutura hierarquizada, por isso, as decisões vêm dos líderes e os integrantes do grupo precisam acatar, ainda que não estejam de acordo.

Nesse sentido, a reportagem destacou aspectos negativos da própria organização do movimento, somado a atual estrutura econômica do país, que permite que as pessoas busquem outros meios de vida. Portanto, diferente da *Carta Capital*, que tece críticas aos últimos governos, a *Isto É* constrói uma crítica ao MST, onde são destacados alguns pontos principais que teriam levado a organização a se desestruturar e enfraquecer como movimento de contestação à concentração de terras no Brasil.

Na reportagem há poucas referências ou críticas ao atual governo, ao contrário da *Carta Capital*. Dilma Rousseff têm se aproximado muito de uma ideologia política de centro, o que estaria de acordo com a visão ideológica centro/direita da revista *Isto É*, ou seja, não há razão para um confronto de ideologias. Já a *Carta Capital* não concorda com esse distanciamento que os governos do PT têm sinalizado à Reforma Agrária.

A reportagem da *Isto É* aponta ainda como fator do isolamento do MST e descrédito a perda de apoio da Igreja Católica, que foi um dos pilares de sustentação na gestação do movimento. Portanto, verifica-se que a revista *Isto É* culpa o próprio movimento e o atual contexto social e econômico pelo seu possível fim, fazendo poucas



referências ao governo. Portanto, todos os recursos imagéticos, estéticos e gráficos foram utilizados para simbolizar o descrédito que vem sofrendo, tanto pela sociedade, como pelos próprios integrantes do movimento.

Já a *Carta Capital* utiliza gráficos para relacionar os números de propriedades fundiárias no Brasil, relacionando a concentração de terra. A foto central, maior que as outras, mostra sem - terras com camisetas e bandeiras do movimento protestando numa BR, o que evidencia que o MST, quase trinta anos após sua fundação, continua assumindo a mesma postura como forma de pressionar os governos e chamar atenção da sociedade.

Portanto, a capa, o texto, os gráficos, as fotos e a entrevista com o ministro de Desenvolvimento Agrário são dispositivos utilizados para fomentar a tese de que apesar de toda luta do MST, a estrutura fundiária brasileira ainda está concentrada nas mãos de poucos. Dessa forma, fica claro um posicionamento diferente daquele enquadrado pela revista *Isto É*.

Sendo assim, verificou-se que ambas as revistas fizeram uso de um discurso peculiar para repassar ao público receptor sua mensagem, de acordo com seu posicionamento, o que resultou em enquadramentos diferentes, apesar das imagens e manchetes de capa de ambas as revistas apresentarem o mesmo tema, o fim do MST.

Assim, o enquadramento midiático nos permite pensar não apenas na matéria, mas sim, na sua própria construção, na associação do assunto com o público, com a empresa, o jornalista e a própria informação. A cobertura noticiosa sobre o MST é resultado da união entre o campo político, a ideologia presente no editorial de cada uma das revistas objeto dessa análise, o público receptor e a notícia. Somado a isso, a opinião do jornalista responsável por construir a notícia, o qual dará maior visibilidade midiática para determinados aspectos, em detrimento de outros, o que comprova a aplicabilidade da Teoria do Enquadramento nas notícias publicadas pelos Meios de Comunicação.

REFERÊNCIAS

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org.) *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. São Paulo: UNESP; Salvador: Edufba, 2004.

BERGER, Christa, **Campos em confronto: a Terra e o Texto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Tese de Doutorado, 2006.



Sítio **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Disponível em: <http://www.mst.org.br>. Acessado em 30 de setembro de 2011.

LECHAT, Marie Paule Noelle, **A Questão de gênero no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. Dissertação de Mestrado, Unijuí, 1997.

Sítio **Carta Capital**. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/>. Acessado em: setembro de 2011.

Sítio **Isto É**, disponível em: <http://www.istoe.com.br>. Acessado em setembro de 2011.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**, 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano e STEDILE, João Pedro. **Brava Gente –A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. Anais do 26o Encontro anual. Caxambú, 22 a 26 set. 2002.